

## PEÇA PALAVRA

O NORMATIVO  
E O HUMANO

Por DELFIM SANTOS

Em todas as épocas, é possível notar um certo descontentamento dos homens e das mulheres com o sistema de ideias que, vaga ou claramente, formam a chamada moral social. Das épocas passadas são numerosos os testemunhos legados por intelectuais, ou por homens que simples e ocasionalmente deixaram a expressão do seu pensamento sobre a inconformidade com a moral vigente, ou nos relatarem essa mesma inconformidade em terceiros, ou no povo em geral.

Na maior parte dos casos, o valor desses testemunhos é restrito e quasi sempre prejudicado pela admissoão de certo ponto de vista de ordem crítica, que as épocas posteriores superaram ou desvalorizaram. Muito diferente é o valor dos testemunhos que se nos oferecem nos nossos próprios dias, quando o momento confessional não é provocado e não tem preocupações de arranjo literário.

No homem e na mulher, que apenas têm como material de reflexão a sua própria experiência, e o sentimento das dificuldades entre esta e o sistema de ideias morais que dominam a sua época, encontram-se por vezes flagrantes e profundos testemunhos de descontentamento, que importa conhecer quando se pretende diagnosticar e compreender a época em que vivemos.

Na nossa época, tende a abandonar-se a ideia — cu pelo menos não tem a simpatia geral — de que a vida é um acto responsável e que deve ser vivida tendo em conta o sacrificio de si mesmo a qualquer ideia modeladora de um tipo superior de homem, que estes, aqueles e aqueles outros não podem nem fácil nem facilmente realizar, sobretudo porque não é ómodo e o ideal está em crise.

A consciência social, na expressão dos seus mandamentos religiosos, exigiu dos homens, talvez, demasiados muitos, e como sempre sucede em tais casos, o rendimento foi demasiado pouco. E certo que os artificios de que a consciência social dispõe são poderosos, e pretendem sempre e em todos os casos esvalvar as aparências.

Tantos têm sido os expedientes a que ela tem recorrido para salvar as aparências, que se distinguem nos nossos dias multissimamente bem um reino de aparência absorvente e um reino de verdade muito restrito, que se contradizem, se opõem, se contestam e se negam reciprocamente. Talvez isto sempre assim tivesse sido, mas para nós só hoje isto tem valor, porque somos contemporâneos da situação.

Toda a vida social se ressent de uma distinção demasiado exigente, embora também a todo o momento se pretenda invalidar. As preocupações de sinceridade, outro valor que a moral social põe em jogo, e prestiosamente em certos momentos, não podem compreender qual a utilidade das aparências, que pretendem orientar e modelar as realidades da vida e da consciência.

Que o homem é a medida de todas as coisas foi uma máxima que a Grécia descobriu para ser refutada por todos, ou quasi todos, os homens que fizeram profissão de pensadores. Mas tal refutação, tantas vezes repetida, é talvez ainda e só o desejo de Silva as aparências, porque neste domínio a verdade é a mais detestável e a menos admissível das coisas.

O naturalismo considerou tal máxima com a boa expressão, depois de certas limitações, da sua moral social. Mas o naturalismo colocou o homem em falsa situação, e a máxima serviu apenas como justificação de interesses de descida e auxílio da concepção infra-humana que sobre o homem fora feita. Pelo contrário, o espiritualismo afirmou uma moral supra-humana, a que o homem se devia submeter para se realizar.

O infra-humano e o supra-humano, porém, têm finalidades que se afastam igualmente do homem e lhe trazem, no fundo, consequências desfavoráveis para a formação da sua

personalidade. Um coloca o limite ideal na animalidade; o outro na divindade. Mas o homem nem é anjo nem animal. O homem é homem, e a moral social tem de reconhecer esta profunda e tautológica verdade, se não quiser cair em dois extremos igualmente deformadores do homem, embora em sentidos contrários.

O descontentamento é muitas vezes resultante da codificação moral ser feita para o «homem». Mas o Homem não existe. Existem homens como realidades complexas, únicas, repetidas na sua aparência, mas sempre diferentes. O que há de idêntico entre os homens é insuficiente para justificar a sua igualdade, e o que há neles de diferente é mais do que suficiente para refutar a ideia de igualdade. Admitido que os homens são radicalmente diferentes, conviria primeiro determinar o que no homem faz o homem, e quais os limites de oscilação entre as qualidades constituintes e estruturais do homem, e depois procurar determinar a essência do normativo e o motivo do descontentamento relativamente ao que no normativo se não adapta às manifestações da vida humana. Mas isto seria uma outra história...

CADASTRO POPULACIONAL  
CONCELHO DE OEIRAS

A «Legião Portuguesa» principia amanhã o serviço de Cadastro populacional, para efeito de racionamento de géneros no concelho de Oeiras.

Os postos de distribuição funcionam todos os dias, incluindo o domingo, das 14 às 21 horas, e estão instalados nos seguintes locais:

Oeiras: — No Quartel do Terço Independente Legionário de Infantaria n.º 1 — Bateria de Santo Amaro.

Paço de Arcos: — Na sede da Junta de Freguesia.

Algés: — Na sede da Junta de Freguesia.

Carnaxide: — Na sede da Sociedade Filarmónica Fraternidade de Carnaxide.

Barcarena: — Na sede da Junta de Freguesia.

Amadora: — Na sede da Junta de Freguesia.

Venda Nova.

Nestes postos, devem comparecer todos os chefes de família residentes na área do concelho, a fim de receberem o boletim correspondente a sua família e convitentes.

RÁDIO CLUBE  
DE MOÇAMBIQUE

Em virtude da interferência quasi permanente duma estação «Morse», a emissão «Minuto de Amizade», de Rádio Clube de Moçambique, que trabalha habitualmente em 30,47 metros (9.845 kc/a), está a ser ouvida na Metrópole em más condições.

Por esse motivo, Rádio Clube de Moçambique vai principiar, em regime experimental, a transmitir noutro comprimento de onda: 19,82 metros (15.300 kc/a).

Essas experiências começarão no próximo domingo das 21 às 23 horas e nas segundas e terça-feiras seguintes, das 20,30 às 21,30.

Os resultados de escuta destas emissões experimentais podem ser enviados, em simples postal, a Alvaro de Andrade, delegado de Rádio Clube de Moçambique em Lisboa, rua Dr. Luis de Almeida e Albuquerque, 5.

VALHO  
O MELHOR VERMOUTH

Depositar: M. BASTO, LDA.  
Rua dos Fanqueiros, 86 - Tel. 2 5868

## COLOSSAL SORTIDO EM OURO

ENCONTRA V. Ex.ª SÓ  
A PÉSO NA

OURIVESARIA RIBEIRO  
R. BARROS QUEIROZ, 66

3.ª ourivesaria vindo de L. S. Domingos.

CARTAS  
ao Director

De Sintra á praia... agarre-se e não caia ou «se já sabe o que aquilo é encha-se de coragem e vá a pé»

Sr. Director — O nosso «Popular», o jornal que V. dirige e que tão bom acolhimento dispensa a todas as sugestões de interesse publico, vai certamente publicar esta carta, tanto mais que venho, de alma e coração, encorajá-lo na defesa de cada um, que tão galhardamente tem mantido.

«De Sintra á praia, agarre-se e não caia», e eu proponho este acréscimo: «Se já sabe o que aquilo é, encha-se de coragem e vá a pé», tem sido um assunto debatido, e com justiça, no seu jornal. Para reforçar a sua doutrina, eu venho acrescentar as informações já trazidas a publico o seguinte:

Na semana passada, «electricos» rolando e chitando desalmadamente nos velhos carris, de novo se encontraram na mesma via, frente a frente. O desastre só não se verificou porque... a sorte tem protegido aquela gente, tão arriscada, dia a dia. Três vezes isto se deu na mesma semana!

No passado dia 20, o conhecido «Sérgio Cautelleiro» ao seguir viagem pendurado como tantos outros, teve a pouca sorte de se aturar no lago que é hábito fazer com as árvores, e não! O pobre cautelleiro ia ficando sem a cabeça.

Quando se verificará outro desastre? Até quando assistiremos impassíveis a lamentáveis percalços como o que se pode ainda lembrar e que vitimou o infeliz empregado das Companhias Reunidas Gás e Electricidade, esmagado entre um muro e o «electrico»?

Nós, os veraneantes, compreendemos bem que por toda a parte é um pouco assim, mas compreendemos ainda melhor que apesar de todas as dificuldades que a guerra trouxe, de modo algum se pode justificar o absoluto desprezo pela vida de quem tem que utilizar os «electricos». Se aos domingos, por exemplo, se podem fazer carreiras extraordinárias e constantes, também nos dias de semana, principalmente de manhã e á tarde, se poderiam colocar á disposição do publico tantos «electricos» quantos os que fossem necessários para que todos tivessem a certeza de chegar sãos e salvos a suas casas.

E isto pedir muito a quem tanto tem ganho?

Leitor amigo e obrigado — Amílcar Coelho, veraneando actualmente em Colares.

A Administração Geral  
dos Correios

Sr. Director: — Tenha paciência, mas isto, agora, é demasiado: o termómetro está aqui ao meu lado e marca 38º graus á sombra — 52º ao sol. Temperatura de que nem os mais antigos se lembram. A água começa a faltar nos poços. Tudo seco. Uma calamidade. E, para cumulo, o mal dos correios agravou-se espantosamente. Desde o dia 10 que o «Diário Popular» chega aqui 14 horas depois de publicado. Motivo: sempre a mala Norte 1 que falta. E com ela falta o jornal, falta a correspondência deixada em Lisboa no marco depois das 18 horas... Não terá isto remédio? Creio que sim. — José Maria Frazão, Vila Nova de Poaires.

## BOX

DOMINGO, AS 21,45  
NO ESTÁDIO MAYER

REPARAÇÃO DO BRILHANTE  
«BOXEUR» ESPANHOL

## SÓRIA

(1.ª série)  
que combaterá o combativo  
português

DOMINGOS FIGUEIREDO

apresentação da 2.ª série  
espanhola

## MARCO

contra o vigoroso moçambicano  
(3.ª série)

JORGE LARSEN

e mais 3 combates

CRÓNICA  
INTERNACIONALNOVAS ORIENTAÇÕES  
ESTRATÉGICAS

## NA EUROPA E NO PACÍFICO

Por MANUEL L. RODRIGUES

Conquistada a Sicília, cuja posse dá ás Nações Unidas o domínio do Mediterraneo sem entraves; terminada a conferência de Quebec, em que foram certamente tomadas importantes decisões de alta estratégia; no momento em que a vontade de resistência da Itália (baseada agora principalmente em motivos de pundonor nacional) é alvo duma grande parte do poder ofensivo anglo-americano — a guerra entra numa fase de expectativa.

Que o assalto á chamada Fortaleza da Europa vai ser tentado, ninguém parece pô-lo em duvida, e muito menos os próprios alemães, a quem os acontecimentos dos últimos meses parecem ter persuadido a pôr de parte o mito duma frente marítima inaccessível em todos os pontos.

Donde pode partir o ataque? Do Sul, contra a Itália ou a costa mediterranea da França; do Sueste contra o arquipélago ou o continente da Grécia; do Norte contra a planície da Flandres; do Ocidente contra o litoral fundamente recortado da Noruega. Todas as hipóteses são igualmente plausíveis. A ameaça não parece ser mais forte num ponto do que noutro. Se parece acentuar-se por um lado, é para logo em seguida ser lembrada com mais insistência na direcção oposta. E o objectivo é sempre o mesmo: manter o defensor na incerteza sobre os verdadeiros desígnios do assaltante; obrigá-lo, por consequência a dividir as suas forças; e retirar desta situação as incontestáveis vantagens estratégicas e psicológicas que ela comporta.

A Alemanha procura, entretanto, adaptar-se ás condições que lhe são assim impostas. Se na realidade as suas reacções em matéria de tática defensiva no Ocidente não podem, por enquanto ser conhecidas, há contudo razões para ver que, duma maneira geral, a sua estratégia sofreu nos últimos tempos modificação sensível.

As decisões tomadas na frente Oriental, por exemplo parecem por em evidência que as simples razões militares sobrelevam agora os motivos de prestigio.

## A tática na frente Leste

Na frente Oriental, a nova orientação estratégica alemã caracteriza-se por um movimento de recuo, que veio ocupar o lugar da tática de defesa elástica, conhecida pela designação de «gummi-band». Ao passo que nesta ultima a defesa consistia numa especie de rede de malhas largas, em que os nós eram defendidos á outrance, e através de cujos espaços abertos se gastava a força do atacante — a estratégia actual consiste num recuo geral tão lento quanto possível e que tem em vista um duplo fim: em primeiro lugar impedir que os russos atinjam os férteis plainos da Ucrânia a tempo de dela tirarem o proveito que possam ter como centros de produção de cereais; em segundo lugar, obrigar o adversário a prolongar as suas linhas de comunicações a um ponto tal que lhe torne impraticável ou pouco eficaz uma ofensiva do Inverno.

Ambos os objectivos desta retirada na frente Oriental são, evidentemente, ditados, por considerações de ordem militar e podem resumir-se num só, que é o de ganhar tempo. Mas o facto de não tomarem em consideração a manutenção dos ganhos territoriais é justamente o que lhes imprime um caracter inteiramente novo.

E' evidente que esta nova orientação da estratégia alemã está até certo ponto condicionada pelo uso que o bloco anglo-americano puder fazer da iniciativa que no de-

curso da luta pôde conquistar. Os tecnicos militares calculam que um assalto em massa á Fortaleza Europeia obrigaria a Alemanha a desviar da frente Oriental cinquenta ou mais divisões, o que viria alterar profundamente o balanço das forças em presença.

## Renuncia do Japão á ofensiva

Mas não foi apenas a Alemanha que optou por uma tática nova, melhor adaptada ás suas condições. No Extremo Oriente há indicações seguras de que o Japão trilha um caminho semelhante. A evacuação da ilha de Kiska é, só por si, um facto significativo. Pela primeira vez desde que a guerra assola o Pacifico, os japoneses abandonam sem luta um posto avançado. Se este facto não indica claramente a passagem da ofensiva á defensiva, mostra pelo menos que o alto comando nipónico começa a avaliar de forma diferente as capacidades do adversário e a reconhecer que a extensão desmedida das suas linhas de comunicação excede os seus recursos em matéria de navegação. Isto implica naturalmente a renuncia a certos planos ofensivos, de que a penetração no arquipélago das Aleutas era testemunho. Uma confirmação deste novo estado de espirito foi dada, há dias, por uma declaração oficial da emissora de Toquio, que reconhecia terem as Nações Unidas reduzido consideravelmente a ameaça que pesava sobre a Austrália.

A retirada nipónica na Nova Guiné, que parece estar em curso há alguns dias será, provavelmente, mais uma manifestação desta mudança de tática.

Renunciando á ofensiva, não se segue que o Japão adopte abertamente uma tática defensiva. Mas a prática demonstra que entre uma e outra o equilibrio é sempre precário e faz prever que não decorrerá muito tempo antes que a iniciativa da guerra no Pacifico mude de mãos.

## A reconquista da Birmânia

Os políticos e estrategas reunidos em Quebec tiveram especial cuidado em fazer notar que os problemas do Pacifico foram estudados paralelamente ás questões da Europa. E a propósito do Pacifico, os comentadores da reunião no Canadá acentuaram claramente a importância do problema da Birmânia.

Quando os japoneses conquistaram a Birmânia, a importância desse facto passou em grande parte despercebida. Considerou-se principalmente a ameaça que daí advinha para a Índia, embora as condições geográficas a limitassem consideravelmente. E essa circunstancia fez até certo ponto perder de vista que com essa invasão os japoneses cortavam a unica linha de comunicações entre a China e as Nações Unidas. Quando dizemos que este aspecto da questão passou despercebido referimo-nos evidentemente á opinião publica. Os alto-comandos chineses e britânico não ignoravam, evidentemente, as consequências da perda da Birmânia e os soldados de Chang-Kai-Shek fizeram mesmo um esforço decidido para deter o inessor.

Agora que o curso dos acontecimentos no Oriente mostra tendência para se inverter, a Birmânia readquir naturalmente toda a sua importância e apresenta-se como um dos problemas primaciaes da estratégia das Nações Unidas nesse teatro da guerra. A reconquista desse país teria consequências incalculáveis na situação da Ásia. Basta considerar que permitiria fazer chegar ás grandes massas de soldados chineses, que há

(Conclusão na página 2)

A. J. DE VASCONCELOS  
CARVALHO  
ADVOGADO  
R. Nova de Almada, 34, 2.ª, Esq.  
Tel. 2 2007 — LISBOA